

ZERO

S E M A N A L

Ano VIII
nº 3

Jornal Laboratório - UFSC/CCE/COM - 10 a 17 de outubro de 1990

DEU BRANCO
páginas 3, 6 e 7

O OUTRO LADO DA CUT

Uma conversa reveladora com Jair Meneguelli. Páginas centrais

EDITORIAL

**Zero semanal?
Toda semana?
Não é possível!**

A partir deste número o ZERO vai circular semanalmente, sempre às quartas ou quintas-feiras. Esta experiência é exatamente isto, uma experiência. Deve durar algumas semanas. No mínimo quatro.

Existe uma diferença fundamental entre o ritmo com que a prática se dá nas escolas e na vida real. Em alguns momentos é importante aproximar essas duas velocidades para acrescentar aos conhecimentos teóricos um pouco de adrenalina. Determinar uma data para que o jornal circule significa cumprir rigorosamente prazos, renunciar a confortável elasticidade das datas que podem ser remarcadas e remarcadas. Significa também testar nossas responsabilidades. De quem se compromete a concluir uma matéria a tempo, de quem deve reunir condições para que tudo se encaixe e funcione.

Há ainda um outro desafio fundamental: o da distribuição, sem o que o fazer jornalístico não se completa. Se o jornal não chega ao leitor, se não é lido, não existe. Por isso, fazer um jornal laboratório semanal é mais do que uma prática interessante, é um desafio pioneiro que certamente abaterá, pelo caminho, os preguiçosos e os indiferentes.

ZERO



Melhor
Peça Gráfica
I, II e III Set
Universitário
Maio 88
Setembro 89
Setembro 90

Jornal Laboratório do Departamento de Comunicação do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Editado sob a responsabilidade do Laboratório de Jornalismo Gráfico.

Supervisão: Jornalista Prof. Cesar Valente (Reg. 706/SC)

Colaboração: Jornalistas Professores Ricardo Barreto, Luiz A. Scotti de Almeida e Gilka Girardello.

Redação: CCE/COM/UFSC, Campus da Trindade, 88035 - Florianópolis - SC - Brasil. Fone (0482) 31-9215 e 31-9490. Fax (0482) 33-4069.

Rádio livre completa um ano de pirataria FM

Luciana Carvalho

A rádio 107 completou no mês de setembro o seu primeiro aniversário. Ela chega a esta data com o título de rádio livre mais organizada do Brasil e a que possui maior tempo de programação. Mas isto não impede que tenha os mesmos problemas de segurança e produção de outras rádios piratas.

Em um ano de vida a rádio foi invadida uma vez pela Polícia Federal, durante a inauguração oficial, mas não houve flagrante porque o transmissor não foi encontrado. Após o susto a rádio passou a funcionar em uma casa nos arredores do campus universitário. Com a pressa para voltar a transmitir os equipamentos não foram bem instalados e a transmissão se tornou precária, fazendo com que a rádio caísse no esquecimento.

O horário de funcionamento da rádio nesta nova fase é de segunda a sexta das dez horas até no mínimo vinte e duas horas. A equipe está composta por vinte pessoas, a maioria estudantes da UFSC, que além de fazerem seus programas participam de uma das cinco equipes de trabalho, como por exemplo a jornalista ou técnica e manutenção.

Com o amadurecimento da 107 os componentes começam a sentir o apoio do público que telefona e procura a equipe da rádio para dar recados. A rádio não teve contato como o seu público por muito tempo e agora passou a ter um prestígio maior com a comunidade universitária.

Helena Dalvi, presidente da ASUFSC, afirma que os servidores não discutiram nada com relação à rádio, mas que a diretoria apoiaria a 107 no caso da Polícia Federal fechar a rádio. A diretoria da APUFSC também não tem uma posição sobre este assunto.

Todos, inclusive a administração da UFSC, concordam em uma coisa: a 107 está preenchendo um espaço vago devido a falta de uma rádio universitária oficial e que atenda as necessidades da comunidade. A administração da UFSC possui um projeto para instalar uma rádio na UFSC e aguarda a definição da legislação que trata das concessões de rádio e TV para as universidades.

Enquanto a reitoria resolve este problema a 107 também procura soluções para os seus. Suas metas atuais são, além de resolver os problemas já citados, aumentar a potência e preparar o terceiro encontro nacional de rádios livres, que será realizado no ano que vem na UFSC.

Enquanto os projetos não saem do papel e a 107 é a única alternativa no ar, com uma potência de 25 watts, você pode sintonizá-la nos bairros Saco dos Limões, Trindade, Agrônoma, Córrego Grande, Serrinha, Pantanal, Itacorubi e uma parte da Beira-Mar.

**Os enfermeiros se demitem
e os médicos param
por causa dos baixos salários**

HU volta a passar mal

Ozias Deodato Jr.

A greve dos previdenciários e servidores da Fundação Hospitalar de Santa Catarina (FHSC) está lotando o Hospital Universitário (HU) da UFSC. O setor de emergência está atendendo em média 450 pacientes por dia, 250 a mais do que se registrava há três semanas. Ao mesmo tempo em que está recebendo

esse contingente recorde, somem-se outros problemas: a demissão voluntária de 22 servidores, que se afastaram por causa dos baixos salários, levou a direção do hospital a desativar na terça-feira da semana passada uma das cinco enfermarias, a clínica médica feminina. De um total de 170 leitos, sobram agora 144. Mas esse número pode diminuir mais ainda. Não está totalmente descartada a possibilidade de que uma outra enfermaria possa fechar se a evasão não tiver controle. Segundo o diretor-geral do HU, Alberto Chaterpensque, até terminar a primeira quinzena de outubro, o número de demissionários deve chegar a quarenta.

Enquanto uns saem outros param: os médicos residentes do HU estão em greve por melhores salários desde setembro e esperam neste mês uma solução da mesa de negociações em Brasília.

"O salário não está compensando", diz o diretor-geral, Alberto Chaterpensque.

Dos 800 funcionários do hospital, 100 são médicos e cinquenta enfermeiros. O salário inicial dessas duas categorias é de Cr\$ 37.569,36. Depois de dois anos eles recebem 5% de aumentos. Na FHSC (Fundação Hospitalar) os salários chegam ao dobro do HU.

"Algumas das enfermeiras que saíram daqui desistiram da profissão. Outras transferiram-se para FHSC" diz o diretor-geral.

Salários baixos, dificuldades de contratação. Este está sendo a dificuldade do HU para recompor o quadro. Além de diversos ofícios a Brasília por parte do Diretor-Geral solicitando contratações (contratações estas que, por exemplo, fariam funcionar a maternidade já instalada no HU há dois anos, mas que até agora, por falta de pessoal, não entrou em atividade), foram também chamados os aprovados no último concurso público (de um ano e meio atrás) para contratação.



Marco Cézar

Só alguns se apresentaram.

Além dessa dificuldade, soma-se outra: há uma lei federal que diz que a cada dois funcionários que se demitem no serviço público, só uma vaga pode ser preenchida.

Residentes — Os 16 médicos residentes do HU, como os seus seis mil colegas de todo o país estão paralisados desde o dia 18 de setembro. A principal reivindicação é um salário equivalente ao que é pago a um médico em início de carreira do Inamps, em regime de 40 horas semanais (cerca de Cr\$ 104 mil).

Hoje os médicos residentes recebem Cr\$ 37 mil para 65 horas semanais, fora horas extras que eventualmente são feitas aos finais de semana.

"Nós somos escravos mal pagos", desabafa o médico residente no HU, Eliezer Silva, fazendo uma comparação dramática: "nós ganhamos, por hora, menos do que um auxiliar de pedreiro que não teve de passar seis anos numa universidade". E a queixa não fica nisso: "não temos auxílio moradia nem para a alimentação. Só temos Cr\$ 37 mil para todos os gastos". A moradia faz parte da pauta de reivindicação da categoria.

Outra preocupação a respeito da definição do que vai ser o programa de residência médica. Com a extinção do Inamps (que financiava 50% das residências) a expectativa dos médicos residentes é que os estados assumam esse compromisso. "A tendência dessa reforma administrativa do Collor é que o médico pague a sua residência para se especializar", diz Eliezer Silva, que complementa: "o governo Collor quer privatizar a educação e a saúde".

Neste dia 10 de outubro estarão reunidos em Brasília os representantes do MEC, INAMPS, e Associação Nacional dos médicos residentes para discutir uma solução para o impasse.



Kleinübing é o governador mas nas urnas estava um recado claro e grave

Robert Willecke

Com o consentimento de 634.233 votos em branco e nulos, a eleição para governador em Santa Catarina foi resolvida no primeiro turno. Às 6h45 da manhã de sábado, dia 6, após 56 horas de apurações, o TRE anunciou o resultado oficial das eleições, vencidas pelo ex-prefeito de Blumenau, Vilson Kleinübing, candidato da União por Santa Catarina (PDS/PFL/PDC). Kleinübing foi eleito com 932.877 votos, obtendo 50,42% dos votos válidos, o que dispensa a realização do segundo turno, apesar de ter conseguido apenas 37,5% do total de votos.

Os votos brancos e nulos venceram inclusive o segundo candidato mais votado, Paulo Afonso Vieira, do PMDB, que recebeu 556.357 (22,4% do total). Nelson Wedekin, da Frente Popular, teve 205.931 votos (8,3%). Dirceu Carneiro (PSDB) conseguiu 76.984 votos

(3,1%), Américo Faria (PRN) fez 62.362 (2,5%) e Nilton Matheus (PMN) ainda levou 15.807 votos (0,6%) do eleitorado. Mas a eleição foi decidida antecipadamente pelo elevado número de votos brancos (340.762) e nulos (293.471), que representaram 25,5% do total, permitindo a vitória de Kleinübing. Se esses votos tivessem sido assinalados pelos eleitores, qualquer um dos outros candidatos poderia ter chances de passar ao segundo turno.

Na eleição para o Senado, o quadro se agrava. Esperidião Amin, também da União por Santa Catarina, elegeu-se com 981.963 votos, ou 39,5% do total. Em seguida, vêm Vilson de Souza (PSDB-PMDB), com 413.241 votos (16,6%), e José Fritsch, da Frente Popular, com 158.993 (6,4%).

Os dois também teriam chance de serem eleitos se tivessem recebido a

preferência dos 893.727 eleitores que votaram em branco ou anularam a cédula, o que representa 36% do total de votos. Apenas Antonio Pichetti (PRN), com seus 36.627 votos (1,5%) não teria chances de ultrapassar Amin.

Embora a União por Santa Catarina também tenha conseguido eleger o maior número de deputados para a Câmara Federal e a Assembléia Legislativa, as esquerdas avançaram. Na Câmara, a União ficou com 9 cadeiras, e o PMDB com 5. A Frente Popular elegeu dois deputados federais. Na Assembléia, a União passa a ter 19 deputados e o PMDB compõe sua bancada com 11 parlamentares. A Frente Popular tem sua representação ampliada para 6 deputados estaduais, enquanto que o PRN elegeu 3 representantes e o PSDB conseguiu garantir uma cadeira.

James Tavares

Um dia desbotado

Jacques Mick

Vesti roupa de domingo e saí para votar, junto com quase três milhões de catarinenses. Parecia sete de setembro, dia em que a única coisa para fazer é assistir à parada militar. Só que era quarta-feira, três de outubro, e a atividade era eleger um governador do estado, um senador da República, 40 deputados estaduais e 16 deputados federais. Nas ruas do feriado, pouca gente e nenhuma fila nas seções eleitorais.

Pisei logo cedo nos panfletos de Ângela Amin, candidata a deputada federal pelo PDS, que espalhou material de propaganda desde a véspera nos morros de Florianópolis. Umhas cédulas grandes, maiores que as de verdade, que chamavam a atenção no meio dos muitos pedaços de papel, que revoavam à passagem de qualquer automóvel. Era mais propaganda espalhada pela cidade que no primeiro turno das eleições presidenciais, em 15 de novembro do ano passado, também um feriado, mas com muita gente nas ruas da capital.

— Estás perdendo tempo aí! — me disse sorrindo um velho de cabelos cinza e camisa branca que voltava para casa depois de votar na escolinha ao pé do Morro da Penitenciária — ou “Morro da Penitência”, como dizem seus moradores. Reagiu assim aos adesivos colori-

dos que mostravam em quem votaria o moço na frente dele. Pouco mais abaixo, outros velhos aproveitavam a manhã para jogar cartas num bar que, insistia o proprietário, não poderia vender cerveja ainda. A eleição não era bem o assunto predileto deles.

Nem nos locais de votação os eleitores mostravam entusiasmo pelos candidatos que elegeriam, e quem dizia isso com um toque de desânimo eram os próprios cabos eleitorais:

— As pessoas não sabem em quem votar e não param nem para conversar. Algumas pedem para ensinar a votar — disse Suzana, cabelos escorridos marcando um rosto de 30 anos. Na mão esquerda, um monte de panfletos em papel-jornal da dobradinha petista Afrânio Boppré — candidato a deputado federal — e Samuel Lima — a estadual. Depois dela, na mesma rua, bocas-de-urna de César Souza/Enio Branco (PDS), Anita Pires (candidata a deputada estadual do PMDB), Vilson Rosalino/Manoel Dias (PDT) tentaram me convencer a mudar o voto. Todo mundo mostrava no rosto a mesma desolação.

Menos de um ano antes, num dia de muito sol em Florianópolis, não havia quem não abrisse um sorriso ou começasse uma discussão embriagada, era só falar dos candidatos a presidente. Mas,



Deise Freitas

Naquele 3 de outubro as ruas estavam vazias de esperança

neste três de outubro, nas ruas nem as buzinas nem os carros do ano passado, que mostravam a todas as pessoas uma posição política, um pingote de esperança de que o Brasil podia melhorar. Só o farfalhar do papel que misturava as ideologias aos delírios do vento.

Nos últimos panfletos dos candidatos que restavam sobre o asfalto, era difícil distinguir a diferença entre os bigodes de Paulo Afonso, Nelson Wedekin e Dirceu Carneiro. O favorito das pesquisas, Vilson Kleinübing, seria o vencedor disparado se valessem as cédulas de campanha que mandou jogar nas ruas. Mas era tanto “xis” em tanto quadradinho que misturava tudo na cabeça da gente.

Passou por mim um Escort amarelo-ovo, alta velocidade, e cobriu a avenida de um tapete de novos panfletos. Ângela Amin, de novo, e a Beira-Mar Norte já estava cheia desse nome nas calçadas. Mais perto do centro, entre o vaivém dos automóveis mais apressados, uma charrete sem cavalos estacionada num canteiro desafiava o tempo para fazer propaganda de um candidato a deputado estadual. Chamou a atenção de uma repórter, mais preocupada com as placas publicitárias que via debaixo do, digamos, veículo, que com uma pauta que não saiu nos jornais: o estado de greve dos jornalistas. Pauta que apare-

ceu só na TV, quando um gaiato seguiu, por trás de uma entrevista mostrada ao vivo, um cartaz que dizia “jornalista só ganha 23 mil”.

Pouca gente conseguiu ler o recado e eu conto porque me disseram que aconteceu. Foi na hora em que estava indo votar e passei por muita gente de roupa de banho, disposta a tomar os ônibus lotados que saem de hora em hora para sentir na pele um pouco do sol que voltara a aparecer depois de vários meses.

Nas filas, não se ouvia falar de política. Só Geralda, do Campeche, decidiu reclamar que não achou “o nome do candidato ao Senado do PT”, na lista afixada na cabine de votação. Teve de votar em branco, disse, porque não constava nenhum candidato ao cargo, de fato, na lista:

— Se isso acontece comigo, que sou uma pessoa mais ou menos esclarecida, imagina o que as outras pessoas não fazem — e me olhava como quem busca respostas.

Não tinha fila na minha seção, mas esperei mais ou menos um minuto para que um rapaz moreno, de bermudas, aparentando uns 25 anos, deixasse a cabine. E votei, com uma desesperança que, acho, todo mundo tinha naquele 3 de outubro.

Rosimeri Laurindo

O DIA EM QUE MENEGUELLI CHOROU

Roseméri Laurindo surpreende o presidente nacional da CUT em momentos de rara intimidade. Torcedor do Palmeiras que gosta de ouvir Rita Lee, ele contou qual foi sua maior decepção. E não conteve as lágrimas.

Eu até admirava o presidente nacional da CUT, Jair Meneguelli. Não poderia deixar, como repórter, de desejá-lo. Mas assessorar durante dois dias sua viagem a Santa Catarina era diferente. O que dizer quando ele começasse com seu discurso furioso, me olhasse fixo nos olhos, se enervasse com algumas perguntas instigantes e lançasse aquele ar rabugento que a gente está acostumada a ver na TV? Quando cheguei ao aeroporto para organizar a coletiva, fui correndo para o segundo pavimento. Na descida, esbaforida, surpreendi-me com aquele sujeitinho tranqüilo tomando café com o sindicalista que havia me levado até lá. "Tua cara não me engana" pensei, sentindo-me imediatamente um pouco culpada. E deste jeito eu fui ao lado de Meneguelli, numa viagem de carro de aproximadamente duas horas, de Florianópolis a Criciúma. Com todo o preconceito, fiz o que nem um foca seria capaz. Depois de responder a todas as perguntas sobre sindicalismo, política, socialismo, plano Collor e outros temas, o homem comoveu-se diante da pergunta "bombástica": "qual foi a tua maior decepção?". Eu não gravei a resposta. Só os dois ocupantes do banco da frente também sabem que Jair Meneguelli chorou.

Naqueles dias de julho a imprensa toda "caiu de pau" na CUT, acusada mais uma vez de ter impedido um acordo nacional, após uma reunião entre o Governo Federal, trabalhadores e empresários, em Brasília. Apenas Jair Meneguelli não aceitou negociar diante de decisões já tomadas e mantidas na mesa pela ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, como a demissão de 300 mil trabalhadores no serviço público. A intransigência da CUT foi manchete nos jornais e, neste clima, Jair Meneguelli saiu a percorrer regiões de todo o país para falar nas portas de fábricas, auditórios de universidades e a quem parasse para ouvir, sobre a política da medidas provisórias do presidente Fernando Collor de Mello e seus efeitos sobre o salário dos trabalhadores.

Sem motivo para rir

O presidente estadual da CUT, Ineir Mittmann, do banco da frente da Belina, pedia que eu falasse com Meneguelli sobre a última medida provisória, a 193. Eu não estava muito interessada, já que, afinal, era somente is-

to que lhe perguntavam nas entrevistas e portas de fábricas. Eu queria saber mais, embora temesse que a falta de informações sobre o primeiro líder da Central Única dos trabalhadores do Brasil fosse fruto de minha ignorância. Não aceitei quando ele revelou que a entrevista que me deu, de duas horas, foi a mais longa da sua vida.

Apenas duas vezes Jair Meneguelli foi convidado para falar sobre assuntos que não sindicalismo em programas de televisão. Uma participação num dos quadros humorísticos de Agildo Ribeiro e, outra, na TV Gazeta, em São Paulo, onde a apresentadora invertiu os papéis e pediu que o presidente da CUT falasse sobre programação cultural, enquanto ela noticiava coisas de sindicatos. Foi aí que as pessoas descobriram que Meneguelli é torcedor doente do Palmeiras e curte muito Rita Lee. "No mais, eu sou visto falando sobre as dificuldades do trabalhador, sobre os salários. Não há motivos para eu chegar na televisão dizendo que estamos hoje no 50º aniversário de existência do salário mínimo, registrando o menor da história e, de repen-

te, largar um baita sorriso."

Nesta passagem por SC Meneguelli visitou a unidade de carvão da CSN, em Criciúma (em greve), o porto de Imbituba, a Usina Jorge Lacerda, o lavador de Capivari, a Indústria Carboquímica Catarinense e vários sindicatos. Na Rede Ferroviária, em Tubarão, chamou-me para mostrar a seção de ferramentaria. Naquele momento o pensamento de Meneguelli voltou para o início da década de 70, quando era ferramenteiro da Ford. Ele contou que resolveu filiar-se ao sindicato para ter o direito de fazer, gratuitamente, o curso de Madureza Ginásial. Aos 30 anos, numa assembleia, Meneguelli se emocionou ao ouvir o discurso do presidente do sindicato, Luis Inácio Lula da Silva. "Foi a conta para eu me envolver. Vi que a luta para ter melhor salário e condições de vida para mim e minha família não dava para ser individual. Era preciso brigar no coletivo por tudo o que a gente queria".

A primeira greve

Há quem diga que os metalúrgicos de São Bernardo do Campo formam

"a elite do operariado brasileiro". Mas nem sempre pensou-se assim. Em 1978 os metalúrgicos tinham como único lazer o futebol dos domingos. Lá, Meneguelli encontrava companheiros demitidos de sua seção, que já estavam em outra empresa com um salário melhor, há menos de um mês no novo emprego. O pessoal da Ford comparou e não gostou da diferença salarial. A ferramentaria apresentou uma reivindicação por escrito à gerência. Na sexta-feira havia uma greve na Scania. Na segunda, depois de ouvir as notícias no fim de semana pelo rádio, os trabalhadores da Ford iam ao trabalho conversando no ônibus: "que legal era aquela greve".

até hoje Meneguelli não consegue explicar ao certo como foi que, juntamente com outros três companheiros, chegou à liderança daquela greve de onze dias. Mesmo assim, relata detalhes daquele momento com um brilho diferente nos olhos. O aumento real de 15% conquistado na Ford foi estendido aos 120 mil metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. "Éramos respeitados por trabalhar na Ford

"Ele contou que se sindicalizou para ter direito a curso grátis."

e andávamos na rua com a cabeça erguida, cheios de orgulho".

Depois disto, Meneguelli desceu do segundo andar do sindicato, onde funcionava o curso de Madureza Ginásial, para espionar as reuniões da diretoria. Certo dia Meneguelli recebeu de um amigo (wagner, hoje vereador do PT em São Bernardo) um livro que levou dez dias para ler e que quase não entendeu. Era "Dez dias que abalaram o mundo", de John Reed. "Achei muito confuso aquele negócio de bolcheviques, mecheviques, exército vermelho, comunismo. Eu só lia a Gazeta Esportiva e Tio Patinhas. O que eu entendia era da escalção do Palmeiras. Admirava o Chinezinho, Servilho, Tupanzinho, o Ademir da Guia, Dudu, o Julinho e o Djalma Santos".

Quase linchado

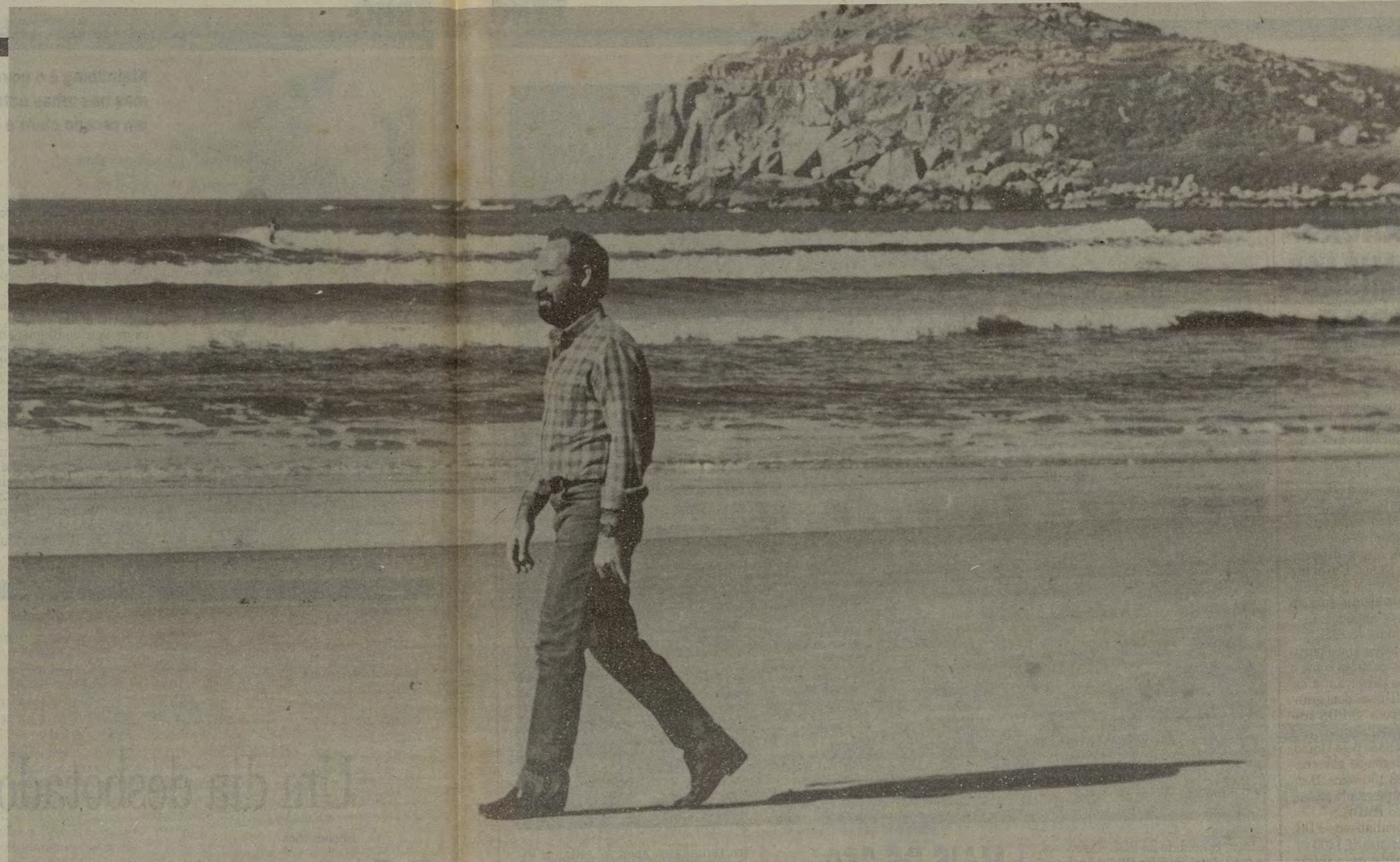
Foram três dias sem comer e sem dormir quando, em 1981, a diretoria do sindicato o indicou para presidência. Falou com a mulher, que socorreu: "ué, pega o carro e vai na casa do Lula conversar com ele". Aprendeu na marra. Os 24 novos dirigentes não tinham

experiência, pois não havia possibilidade de reeleição, em função da cassação imposta pelo Regime Militar.

A posse foi num sábado e na segunda-feira a Mercedes Benz demitiu cinco mil trabalhadores. Revoltado, o povo queria estourar as vidraças do prédio central da empresa, onde estava a diretoria. Companheiros ergueram Meneguelli sobre a multidão para pedir calma. Ninguém o reconheceu e quando alguém inventou que se tratava do candidato derrotado da chapa 2, quase foi linchado. Da portaria da Mercedes alguém telefonou para Lula, que foi ao local, subiu num carro e resolveu o problema ao identificar o novo líder sindical para a categoria.

Lembranças ao lado de Lula são muias na vida de Meneguelli. De luta, de negociação, de alegria, de emoção. A maior? Em 1989, nas eleições presidenciais. "eu amei a campanha.

Foi gostoso. Milhares de pessoas queriam mudar, ser felizes, eu aprendi muito". Foi, também, a grande decepção da vida de Meneguelli.



"Não acreditei quando ele me disse que acabara de dar a entrevista mais longa de sua vida."

AS MUDANÇAS DAS "CAMISAS" PARTIDÁRIAS

Janine K. Bellini

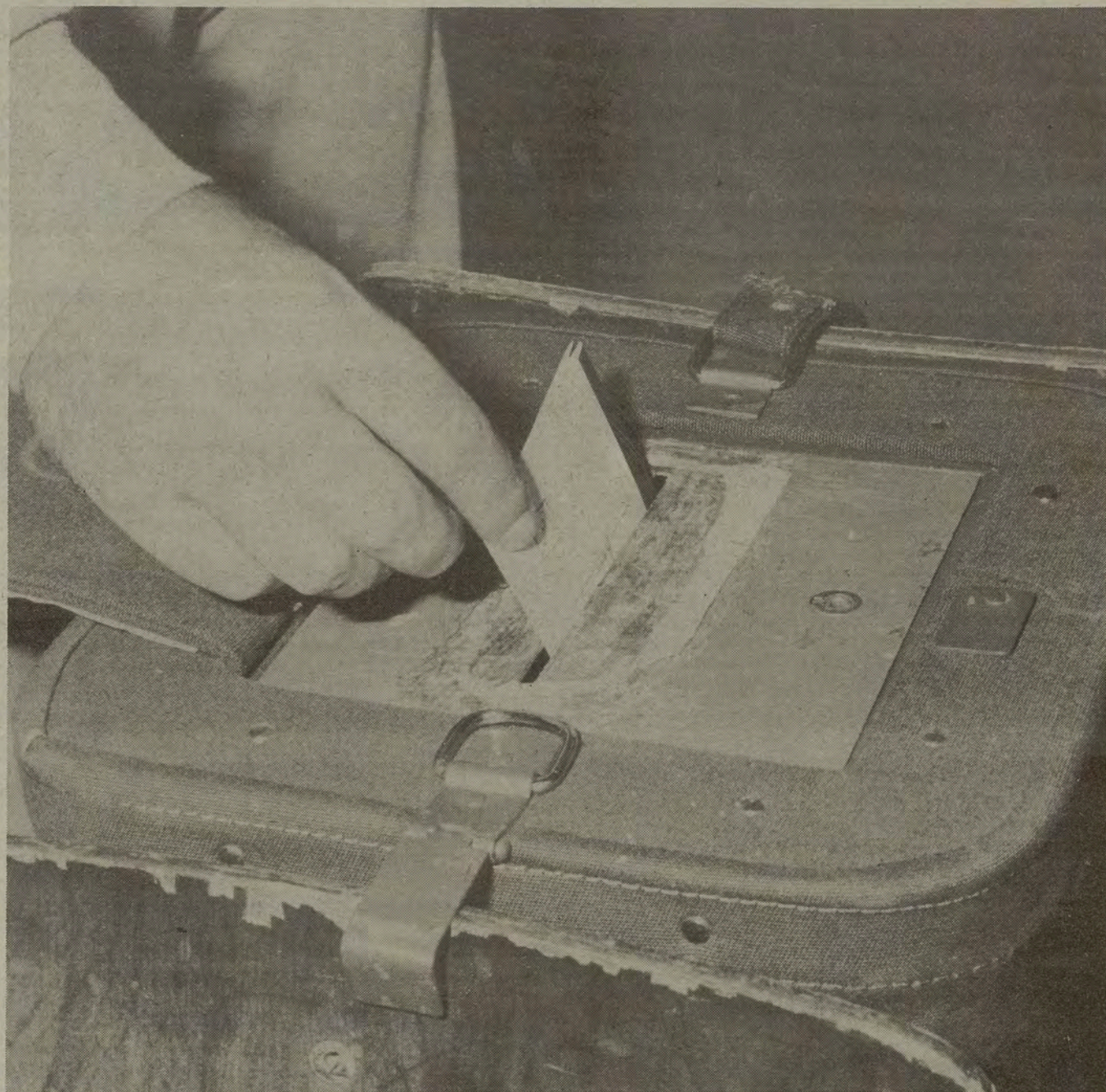
Muita coisa acontece num período de quatro anos. O quadro político, por exemplo, sofre modificações que, quase sempre passam despercebidas. O povo tem memória curta. Muitas vezes desconhece até mesmo quem são seus atuais representantes nas assembleias. Em quatro anos esquecem-se as promessas de campanhas que elegeram ou deixaram de eleger determinados candidatos. Santa Catarina acompanha as transformações políticas do Brasil e a cada eleição surgem novos partidos e novos candidatos.

Nas eleições estaduais de 1982, por exemplo, existiam apenas cinco partidos inscritos. Mas os partidos como o PT, PDT e PTB, não chegavam a assustar o PDS e o PMDB, os dois grandes adversários da época. O PDS acabou elegendo governador e senador. O atual candidato ao senado pela União, Esperidião Amin, elegeram-se governador do estado com 838.150 votos. Doze mil votos a mais que o segundo colocado, Jaison Barreto, do PMDB.

Jorge Konder Bornhausen, PDS, venceu com uma diferença de 1400 votos o candidato peemedebista e futuro governador do estado, Pedro Ivo Campos. Com isto, Bornhausen garantiu sua vaga no senado federal. Como senador, ele abriu as portas para chegar ao Ministério da Educação no governo Sarney.

Naquele ano o PMDB só conseguiu igualar-se ao PDS na assembleia federal. Os dois partidos elegeram oito deputados cada um. Porém no legislativo estadual, mais uma vez o PDS fez maioria, elegendo 21 candidatos contra 19 do PMDB. Os outros partidos não conseguiram eleger nenhum candidato.

Na eleição passada, em 1986, o quadro já havia se transformado totalmente. O PDS havia perdido sua força. Da divisão do partido surgiu o PFL, que aliado ao PDC e PTB, lançou a candidatura de Wilson Pedro Kleinübing a governador do estado. A repercussão da candidatura foi grande, mas o vencedor acabou sendo o candidato do PMDB, Pedro Ivo Campos. O governador, que faleceu durante o mandato, recebeu 335 mil votos a mais que Kleinübing, novamente candidato hoje, e 588 mil votos a mais que Amilcar Ga-



zaniga, candidato do PDS. Outra vez, os candidatos do PT e PDT não chegaram a números significativos.

A volta por cima do PMDB ficou bem clara também na vitória de seus dois senadores, Dirceu José Carneiro e Nelson Wedekin, que hoje concorrem, ambos, a governador, por partidos diferentes. Os candidatos do PSDB e do PT, respectivamente, atacam um ao outro e também ao seu antigo partido.

Em 1986 o PMDB ainda elegeram nove deputados federais contra quatro do PDS, e três da coligação PFL-PDC e PTB. Para estadual foram 19 eleitos contra 12 do PDS, 7 da coligação, um PT e um PDT. A grande surpresa foi a deputada estadual Luci Choinascki, única candidata eleita pelo PT que tinha 44 candidatos. Nesse ano disputaram também os partidos comunistas, recém-legalizados, PCB e PCdoB, e o PH, Partido Humanista. Eles lançaram candidaturas a deputados federais e estaduais, mas não elegeram nenhuma. Nos quatro anos seguintes a estas eleições o panorama político brasileiro transformou-se totalmente. Este ano 38 partidos estavam na disputa. Em Santa Catarina 14 partidos lançaram candidatos ao governo do estado.

MAIS DE 350 CANDIDATOS E SÓ 58 VAGAS

Vivian de Albuquerque

No Brasil inteiro são 38 os partidos registrados na Justiça Eleitoral. A maioria desses partidos, visando as eleições de 1990, agrupou-se em coligações, variando nos diferentes Estados.

Em Santa Catarina, os mais de 2,7 milhões de eleitores puderam escolher entre seis candidatos a governador do Estado. O candidato da União por Santa Catarina, Wilson Kleinübing (PFL, PDS, PSC, PDC, PTB e PL); o candidato do PMDB, Paulo Afonso Vieira; o candidato da Frente Popular, Nelson Wedekin (PDT, PT, PSB, PCB, PCdoB e PV); e ainda Dirceu Carneiro (PSDB), Américo Faria (PRN e PTR) e Nilton Matheus (PMN).

Já para o Senado, concorreram qua-

tro candidatos apenas: Antônio Pichetti, Wilson Luiz de Souza, José Fritsch e Esperidião Amin.

O quadro geral das eleições de 1990, em Santa Catarina, apresentava 94 candidatos à Câmara Federal, distribuídos da seguinte maneira: um pelo Partido da Mobilização Nacional (PMN); nove pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB); 14 pela coligação "Nova Santa Catarina" (PRN e PTR); 18 pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), 23 pela coligação "União por Santa Catarina" (PFL, PDS, PL, PDC, PSC, PTB) e 29 pela coligação "Frente Popular" (PT, PDT, PCB, PCdoB e PV).

Para a Assembleia Legislativa, eram 274 candidatos: três pelo Partido da Mobilização Nacional; 26 pelo Partido da Social Democracia Brasileira; 35 pela Coligação "Nova Santa Catarina", 49 pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro; 70 pela coligação "Frente Popular" e 91 pela coligação "União por Santa Catarina".

Os 372 candidatos concorreram a apenas 16 vagas na Câmara Federal, 40 na Assembleia Legislativa, uma no Senado e uma no governo do Estado.

TRE-SC GASTA Cr\$ 57 MILHÕES COM ELEIÇÃO

Kátia Scarduelli

O Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina gastou 57 milhões de cruzeiros nas eleições para o governo, incluindo os gastos com impressão das cédulas, cadastros, títulos e compra de microcomputadores. Só neste ano foram investidos Cr\$ 35 milhões em informatização para ser mais rápida a apuração dos votos. Os computadores comprados pelo TRE foram distribuídos nas principais cidades do estado. O TRE de Santa Catarina foi o primeiro a usar computadores, desde as eleições em 1978.

No ano passado, nas eleições presidenciais, a cidade de Brusque usou microcomputadores para a votação de mais de mil eleitores, sendo a primeira no país a praticar este método. Brusque foi escolhida pelo TRE por ser uma cidade pequena com boa renda per capita. O diretor-geral do TRE, Márcio Collaço, disse que apesar de ter sido uma boa experiência o custo é muito alto e "não é por aí que as pessoas vão se conscientizar para o voto". Para o diretor-geral o eleitorado está muito desinteressado nos seus governantes "pela forma que se faz uma campanha eleitoral".

Márcio Collaço trabalha no TRE há 31 anos e diz que as campanhas sempre foram iguais, com acusações e agressões dos candidatos concorrentes. Neste ano, com a Constituição de 88 foi proibida a censura prévia nos programas eleitorais gratuitos. Com esta nova lei o TRE tem o dever de conceder direito de resposta aos "ofendidos" e também pode cortar o programa do dia seguinte de quem "abusou" da liberdade de expressão.

Quanto a esta atitude, o diretor do TRE diz que ela é usada porque "chega uma hora da campanha que ninguém mais tem a noção de limite, e este critério não está ligado com censura".

O TRE de Santa Catarina tem 110 funcionários que trabalham constantemente. Na época das eleições são requisitadas outras pessoas principalmente funcionários de órgãos públicos, como Celesc e Telesc, que são treinados para o período da apuração e 45 destas pessoas estão no interior do estado. Nestas eleições 50 mil pessoas trabalharam nas 10 mil mesas de todos os 217 municípios.



Fotos: Lauro Maeda

ACUSAÇÕES DERAM O TOM DA CAMPANHA

Raquel Elterman

Continuando a tradição de xingamentos retomada nas eleições presidenciais, os candidatos ao Governo, Senado, Câmara Federal e Assembléia Legislativa não dispensaram o show de "troca de elogios" durante os programas eleitorais. A televisão foi o palco principal das mais variadas acusações entre candidatos ao Governo e Senado que proporcionaram aos eleitores momentos cômicos de insultos pessoais.

"O programa eleitoral não vai chegar na próxima eleição sem uma reforma profunda", disse o Diretor do Tri-

bunal Regional Eleitoral de SC, Márcio Collaço. Ao se analisar os 75 pedidos de direito de resposta nesses 60 dias de campanha, nota-se a que nível chegou o "calor" entre candidatos dos mais diversos partidos. O direito de se defender das acusações políticas, pessoais e familiares foi concedido 23 vezes pela Justiça Eleitoral. O recorde foi da União por Santa Catarina de Wilson Kleinübing, com 16 pedidos contra o PMDB de Paulo Afonso.

Alguns dos casos: o PMDB inseriu em seu programa imagens de Esperidião Amin caracterizado de rei e sobre a sua imagem a acusação de que cheques sem fundo foram emitidos; sobre as imagens de Amin, Konder Reis e Jorge Bornhausen, surge a mão de alguém surrupiando um maço de dinheiro. Em contrapartida, o PMDB alegou que a União vinha tentando desgastar a imagem de seu principal oponente em "momento de desespero", pela divulgação das últimas pesquisas eleitorais. Para tanto, disse que a União acusou o candidato ao Governo Paulo

Afonso de incompetência e corrupção, imputando-lhe prejuízos sofridos pela Celesc.

Um dos casos mais intrigantes e que mais abalou a opinião pública foi a briga entre os candidatos ao Senado Wilson de Souza do PSDB/PMDB e Esperidião Amin da União por Santa Catarina. Wilson divulgou as supostas irregularidades relacionadas à concorrência para as obras do porto de São Francisco, dizendo que Amin chantageava o então governador Pedro Ivo Figueiredo de Campos (PMDB) para que as irregularidades das obras do porto não viessem a público.

Pode parecer estranho, mas uma das brigas mais acirradas ocorreu entre candidatos do mesmo partido. O candidato a deputado estadual pelo PRN, Jair Silveira fez um pedido de direito de resposta contra Américo Faria, candidato ao Governo pelo mesmo partido, quando este inseriu as seguintes declarações no seu programa eleitoral: "Jair Silveira praticou crime eleitoral, já está sendo providenciada cassação do registro"... "também estamos o expulsando do Partido"... "ele não é mais candidato do PRN".

Desde junho

A campanha de Wilson Kleinübing começou em junho logo após a confirmação da sua candidatura pela coligação "União por Santa Catarina". A partir desta decisão ele passou a fazer comícios pelo estado e até outubro percorreu os 217 municípios catarinenses, sempre acompanhado do candidato ao senado Esperidião Amin e alguns assessores. Esses comícios trouxeram a Kleinübing um bom número de votos no interior de Santa Catarina, principalmente nos municípios menores que atualmente são administrados pelo PMDB.

Trinta mil

Mais de 30 mil pessoas estiveram a serviço do PMDB nas eleições, acompanhando a votação e apuração dos resultados. Todos os fiscais mantiveram contato direto com os 21 comitês regionais. O partido contou, além dos comitês regionais, com 65 distritais e 165 comitês municipais, diretórios em todos os municípios do Estado, cerca de 820 vereadores, 84 prefeitos e mais de 4.000 militantes.

FOTOJORNALISMO

“Mão na parede e perna aberta!”

Uma ronda policial na visão de Lauro Maeda

Fotografar polícia é uma das atividades mais complexas que os repórteres fotográficos podem encarar. Não existe a menor possibilidade de controle sobre a luz, o local, as condições, o momento. Isto, sem dúvida, torna o trabalho mais estimulante. E faz com que o repórter fotográfico mais acomodado sinta irresistível tentação de ficar só nas delegacias fotografando “o marginal” estático, no momento em que é apresentado aos alegres rapazes da imprensa ao lado dos bravos rapazes da polícia. Para fugir desse lugar comum é preciso ter, além de alguma coragem, familiaridade com a técnica. Este ensaio, produzido no dia 30 de agosto, foi fruto de algumas horas passadas no posto policial da 3ª Companhia de Policiamento da Capital, à noite. Um bêbado que atirava tijolos na casa de um casal de velhos proporcionou a ação mais emocionante da noite. Mas mesmo as ações de rotina (atendimento a acidentes e batidas preventivas) exigem do fotógrafo atenção e habilidade, para que além de fotos tecnicamente bem resolvidas, consiga trazer fotos jornalísticas.



Foto: Olivio Lamas

